

O Gênero Lírico e a Confluência dos Gêneros Literários

GÊNERO LÍRICO

No início de sua existência, a poesia era composta para ser declamada ao som da lira, o que legitimou o nome dessa produção textual. Contrapondo-se ao gênero dramático e ao épico, na maioria das vezes, as obras líricas não têm o objetivo de representar o mundo exterior, mas de criar e dar vazão ao mundo interior e subjetivo do Eu. Esse caráter intimista, típico do gênero lírico, está presente até nos possíveis trechos narrativos nele inseridos. Por isso, esse gênero literário é marcado pela manifestação de um **eu lírico**. Sendo assim, esse texto não pode ser considerado mera tradução dos sentimentos pessoais do autor ou simples revelação biografista, mas terreno de expressão do **sujeito poético**. Embora seja comum a confusão entre o autor (poeta) e a manifestação subjetiva desse Eu, é preciso estabelecer distanciamento dessas duas figuras para que a leitura não seja limitada a um espelhamento da biografia do escritor no texto literário. A respeito disso, leia este poema de Fernando Pessoa, que joga, justamente, com o “fingimento” poético:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Autopsicografia*.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000006.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Extremamente alusiva e metafórica, a poesia lírica possibilita diversas interpretações, o que lhe garante um **caráter polissêmico**: um único significante propicia vários significados. Ao longo dos séculos, sobretudo com a invenção de tecnologias que possibilitaram a impressão de textos, o poema – principal expressão do gênero lírico – ganhou independência do acompanhamento do instrumento musical, demarcando, assim, a distinção entre poema e canção. Apesar disso, a tradição oral e declamatória do gênero ainda se faz presente por meio da musicalidade explorada nesse tipo de texto.

Até o século XIX, classificava-se como poesia qualquer texto versificado e metrificado que se valia de uma escrita criativa a imaginativa. No entanto, no mundo moderno, essa concepção de escrita do imaginário passou a classificar, genericamente, a própria literatura. Foram os poetas românticos que definiram o que, até hoje, passou-se a entender como poesia e poema. Na tentativa de formalizar o fazer poético, chamou-se de poema o texto que atendia a determinados preceitos formais, enquanto a poesia estaria ligada a um certo uso da linguagem. Assim, o poema seria abrigo para a poesia, mas esta não se encerra apenas no poema, podendo existir poesia, por exemplo, em textos narrativos, como em um romance ou em um conto, e até mesmo em textos não verbais. Ou seja, o lirismo pode estar presente em textos de diversos gêneros.

Entre as principais espécies do gênero lírico, destacam-se:

Soneto

Poema dotado de regularidade métrica: constitui-se de dois quartetos e dois tercetos, com versos decassílabos (dez sílabas poéticas) ou alexandrinos (doze sílabas poéticas). Além disso, outra característica marcante dos sonetos é a musicalidade, que se manifesta não só pelo ritmo, mas também pelas rimas, quase sempre empregadas. Vinicius de Moraes foi um dos poetas brasileiros modernos que mais utilizou essa forma.

Observe, agora, um exemplo do poeta Bocage, um dos principais nomes do Arcadismo português.

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania:

Desculpa tendes, se valesis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito, de gemer cansado e rouco.

DU BOCAGE, Manuel Maria Barbosa. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000059.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Elegia

Poema de tom funesto, melancólico e pessimista. Tamanha descrença presente nas elegias pode aparecer associada a uma questão particular (uma decepção amorosa) ou social, política, econômica (retratação de temáticas como a seca nordestina, as guerras mundiais, as perseguições durante os períodos ditatoriais, a dizimação da cultura indígena, a preocupação com o futuro da humanidade diante do crescimento descomedido e da modernização). Observe este poema de Fagundes Varela, poeta romântico brasileiro que explorou, em seus versos, temas sobre a tristeza, a angústia, a desilusão e o sofrimento.

Cântico do Calvário

À memória de meu filho, morto a 11 de dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. – Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, – a inspiração, – a pátria,
O porvir de teu pai! – Ah! no entanto,
Pomba, – varou-te a flecha do destino!
Astro, – engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! – Crença, já não vives!

VARELA, Fagundes.

“Cântico do Calvário” é uma das mais conhecidas elegias de Varela e foi escrita como forma de lamento pelo filho perdido. Nesse caso, o poema revela traços biográficos do autor, pois o texto foi composto logo após a morte precoce do filho do poeta. Já no título do poema, identifica-se a temática do sofrimento (“calvário”) e, ao longo dos versos, a esperança trazida pelo nascimento de um filho é destruída pela morte. A expressão “Ah! no entanto”, além de introduzir a quebra de sentido no poema, desencadeia as imagens dos três versos seguintes que traduzem o desespero do eu lírico (a pomba flechada pelo destino; o apagamento dos astros; o teto caído; e, por fim, o fenecimento da esperança – que metaforiza a morte do próprio filho).

Ode

Poema construído com o objetivo de elogiar alguém ou algo. Por isso, apresenta uma linguagem grandiloquente, exaltatória, entusiasta. Entretanto, alguns poetas empregam o termo “ode” de maneira irônica. O conteúdo do poema, nesse caso, será paródico e sarcástico. Tente observar como, na seguinte ode, aparece um louvor ao progresso urbano e tecnológico do início do século XX:

Ode triunfal

Álvaro de Campos – Heterônimo de Fernando Pessoa

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes [...]

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

[...]

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se

[exprime!]

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último

[modelo!]

[...]

Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher

[possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!

Metam-me debaixo dos comboios!

Espanquem-me a bordo de navios!

Masiquismo através de maquinismos!

Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

[...]

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levantado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!

[...] hilla! hilla-hô!
 Dai-me gargalhadas em plena cara,
 Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
 Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,
 [...]
 Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de
 [tudo isto!
 Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,
 As dissensões domésticas, os deboches que não se
 [suspeitam,
 Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu
 [quarto
 E os gestos que faz quando ninguém pode ver! [...]
 [...]

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*.
 Lisboa: Ática, 1951.

Haicai

O haicai, em sua origem oriental, apresenta uma forma fixa (formado por três versos: o primeiro com cinco sílabas, o segundo com sete e o terceiro com cinco). Geralmente, retrata cenas da natureza, principalmente as estações do ano. O poeta japonês Matsuo Bashô é o mestre dessa forma lírica. Observe a tradução do seguinte poema dele.

primeiro dia de primavera
 fico pensando sobre
 o fim de outono

BASHÔ, Matsuo. Tradução de Rosa Clement.

Perceba que, no poema anterior, os versos não apresentam a forma fixa comum do gênero. Isso ocorreu justamente devido ao processo de tradução. Inclusive, vale ressaltar aqui que, no Brasil, o haicai passou a ser escrito principalmente a partir do século XX, e, no que se refere ao aspecto formal, adquiriu variações métricas. Os modernistas encontraram no haicai, assim como no **epigrama**, um modelo de produção adequado para a elaboração de uma poética sucinta, telegráfica e cinematográfica.

Entretanto, à linguagem concisa e dinâmica do haicai e do epigrama, os modernistas acrescentaram a ironia e a sátira. Por isso, os poemas breves dos modernistas passaram a ser chamados de **poema-piada** ou **poema-minuto**. Alguns poemas de Oswald de Andrade, presentes em seu livro *Pau-Brasil*, exemplificam essa influência do haicai no Modernismo brasileiro.

O reencontro da música com o poema

Os recursos tecnológicos e certos procedimentos da arte contemporânea, como algumas instalações, possibilitaram o surgimento de suportes diversos para os textos líricos. Apesar da disponibilidade dos recursos digitais, a tradição que une poema e música ainda se faz presente. Seja nos versos de Wally Salomão cantados por Adriana Calcanhoto, seja nos versos de Gregório de Matos, Castro Alves ou Paulo Leminski musicados na voz de Caetano Veloso, a nossa MPB está em constante diálogo com a poesia, revelando a potência dessa confluência. Você conhece alguma canção que tenha sido musicada com base em um poema?

O poema "Canção amiga", publicado por Carlos Drummond de Andrade no livro *Novos poemas*, de 1948, foi musicado por Milton Nascimento, em 1972, no disco *Clube da Esquina 2*. Acesse o QR Code ao lado para ouvir essa canção.



RECURSOS DO GÊNERO LÍRICO: A RIMA E OUTRAS FIGURAS SONORAS



Além das figuras de linguagem apresentadas no capítulo anterior, há também as figuras sonoras, que dizem respeito ao sentido e ao ritmo dos textos. Veja a seguir os principais recursos sonoros e os seus efeitos nas produções literárias.

Rima

É a figura mais frequentemente utilizada na poesia. Uma rima é construída a partir de uma similaridade sonora presente no final ou no interior dos versos.

Quanto à sonoridade e à semelhança de letras, as rimas são denominadas:

- **consoante e toante:** a rima consoante é a que apresenta semelhanças sonoras mais amplas, que abrangem consoantes e vogais (ex.: **arvored**, **azedo**, **dedo**, **crescente**, **decadente**, **adolescente**). Por sua vez, a rima toante é a que só apresenta semelhança na vogal tônica, sem que as outras consoantes ou vogais coincidam (ex.: **pedra**, **velho**, **pranto**, **estranho**).

Quanto à categoria gramatical e à extensão dos sons que rimam, as rimas podem ser:

- **ricas e pobres:** definidas pelos critérios gramaticais e sonoros, rimas ricas pertencem a palavras de classes gramaticais diferentes (ex.: **pomar** e **apanhar** – substantivo e verbo; **mente** e **docemente** – substantivo e advérbio). Rimadas pobres pertencem a palavras de mesma classe gramatical (ex.: **docemente** e **alegremente**, ambas advérbios). Pelo critério fônico, rimas pobres possuem mesmos sons a partir da vogal tônica (ex.: **vida** e **descida**, idênticas a partir do **i** tônica); rimas ricas apresentam semelhança sonora antes mesmo da vogal tônica (ex.: **firmamento** e **tormento** – antes da tônica **e**, a consoante **m** já aparecia enriquecendo a rima).

Já no que diz respeito à posição em que elas se encontram na composição do poema, as rimas são denominadas a partir dos esquemas em que se enquadram.

Veja alguns casos:

• **Esquema de rimas:**

- A) **Rimas emparelhadas, paralelas ou geminadas AABB:** ocorrem quando a rima se encontra em dois versos unidos, como o próprio nome já indica, formando um **par**.

Sou uma Sombra! Venho de outras eras, (A)

Do cosmopolitismo das moneras... (A)

[...]

Larva de caos telúrico, procedo (B)

Da escuridão do cósmico segredo, (B)

[...]

ANJOS, Augusto dos. Monólogo de uma sombra.
In: *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1998.

- B) **Rimas intercaladas ou interpoladas A – – A:** nesse caso, a rima se dá com os versos extremos da estrofe. Observe como, na primeira estrofe deste clássico soneto de Vinicius de Moraes, o autor empregou as rimas **interpoladas (A – – A)** e **emparelhadas (– B B –)**:

De tudo, ao meu amor serei atento (A)

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto (B)

Que mesmo em face do maior encanto (B)

Dele se encante mais meu pensamento. (A)

MORAES, Vinicius de; FERRAZ, Eucanaã. *Poemas, sonetos e baladas & pátria minha*. São Paulo: Claroenigma, 2012. 171 p.

- C) **Alternadas, entrecruzadas, entrelaçadas ABAB:** nesse caso, as rimas estão alternadamente dispostas na estrofe, como neste exemplo de Álvares de Azevedo:

Se uma lágrima as pálpebras me inunda, (A)

Se um suspiro nos seios treme ainda, (B)

É pela virgem que sonhei!... que nunca (A)

Aos lábios me encostou a face linda (B)

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*.
Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1995.

Alguns escritores condenam o uso da rima, principalmente pelo fato de muitos poetas a utilizarem de modo excessivo, previsível e despropositado, apenas como mero recurso sonoro, sem relevância maior para o texto. Os poetas modernistas são um bom exemplo dessa crítica. Os poemas que não apresentam rimas são estruturados pelos chamados **versos brancos**.

Aliteração

Repetição de sons consonantais, empregados geralmente como um simples jogo lúdico com as palavras (caso das brincadeiras de trava-língua), ou como um recurso estético para reiterar o sentido do que está sendo retratado pelo texto.

Vozes veladas, veludosas vozes,

Volúpias dos violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

SOUSA, Cruz e. *Broquéis e faróis*:
texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Nesses versos de Cruz e Sousa, a recorrência das consoantes **v, z, l, d e s** sugeriu o ambiente fugidio, diáfano, etéreo, sinestésico e musical, típico do Simbolismo, ao retratar a confusão de vozes voando pelo ar, levadas pelo vento.

Assonância

Repetição de fonemas vocálicos. O exemplo a seguir, também do poeta Cruz e Sousa, traz uma assonância da letra **a**.

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras

De luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluídas, cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras...

SOUSA, Cruz e. *Broquéis e faróis*:
texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2002.

A repetição da vogal é responsável por garantir certa musicalidade à estrofe e extrapola à questão rítmica, na medida em que, intencionalmente, a letra **a** foi empregada para traduzir a brancura e a fluidez das formas às quais o eu lírico clama. Os versos, dessa forma, são perpassados pela simbologia atribuída pelos adjetivos que ressaltam a pureza ("cristalinas"; "aras") metaforizada em brancura ("alvas"; "claras").

Anáfora

É a repetição de uma mesma palavra ou expressão utilizada para traduzir uma ideia de rotina, mesmice, circularidade, ou reiterar a importância de algo. Observe a presença anafórica de "É brando" e "Assim fosse" nos versos de Fernando Pessoa.

É brando o dia, brando o vento.

É brando o sol e brando o céu.

Assim fosse meu pensamento!

Assim fosse eu, assim fosse eu!

PESSOA, Fernando. *Poesias*. 15. ed.
Lisboa: Ática, 1995. p. 154.

Onomatopeia

Expressão que procura reproduzir o som das coisas ou dos animais. A onomatopeia aparece com frequência em quadrinhos, na literatura infantil e na música. A intencionalidade dela é ilustrar, sonoramente, algum acontecimento que esteja sendo descrito no texto, o que propicia maior verossimilhança ao relato. A onomatopeia pode ser simplesmente um ruído expresso por um termo (como *toc-toc*, *tum-tum-tum*, *tic-tac*, *ram-rem*, *zzzzzz*, *Bumba!*, *atchim!*, *trrrriiiiiimmm!*) ou pode aparecer no próprio ritmo do poema para sugerir um movimento, como é o caso do clássico “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira.

Trem de ferro

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isto maquinista?
[...]
A
Ôo...

Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
[...]

BANDEIRA, Manuel. Trem de ferro.
In: *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Record, [1900?]. 447 p.

Paronomásia

Emprego de palavras **parônimas**, ou seja, que possuem sons parecidos, mas significados diferentes. São parecidas com os **trocadilhos**, embora não tenham o caráter debochado e malicioso deles. As palavras “dada” / “danada” e “dama” / “drama” são termos parônimos utilizados na composição de “Flor da idade”, de Chico Buarque.

Despudorada, dada, à danada agrada andar seminua

E continua

Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor

BUARQUE, Chico. Flor da idade. In: *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*. Rio de Janeiro: Phonogram / Philips, 1975. LP (46 min.).

Accesse o QR Code para ouvir “Flor da idade”, de Chico Buarque, e tente perceber como, ao longo de toda a canção, a paronomásia é o recurso sonoro que intensifica a contradição e o desengano causado pelo primeiro amor.



No trecho, os termos parônimos tramam um conflito entre o eu lírico e uma mulher, que, mais adiante, o leitor descobre ser o primeiro amor do sujeito poético. No terceiro verso, é possível dar continuidade ao fio narrativo representado pelo jogo entre as palavras “dama” e “drama”: a dama se transforma, pelo acréscimo da letra “r”, em drama. O ruído ou estranhamento sonoro causado por essa consoante remete ao clichê do sofrimento amoroso, do qual padece o eu lírico.

Agora que você conhece um pouco mais sobre esses recursos sonoros em um poema, procure perceber como a musicalidade em um texto pode ser não só um recurso atrativo, mas um elemento estilístico utilizado conscientemente pelo autor para intensificar o sentido de seus textos. Os aspectos sonoros podem reiterar os aspectos semânticos do poema, o que torna a obra muito mais rica e criativa. Nesses casos, o som e o sentido estão extremamente próximos e cabe ao leitor conseguir fazer as associações entre eles.

CONFLUÊNCIA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS



É possível que em um único texto ocorra o emprego de características dos vários gêneros literários. Nesse caso, o leitor deverá identificar os elementos típicos do lírico, do épico e do dramático, além de conseguir visualizar como o autor promove a mescla dos gêneros. Veja alguns casos frequentes:

1º) Um poema (portanto, espécie do gênero lírico) que tenha em sua estrutura elementos típicos do gênero épico, como enredo, narrador, personagens, tempo e espaço, pode ser classificado como uma **poética-prosaica**. Veja:

O adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
 Como as plantas que arrasta
 a correnteza,
 A valsa nos levou nos giros
 seus...
 E amamos juntos... E depois
 na sala
 "Adeus" eu disse-lhe
 a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
 E da alcova saía um cavaleiro
 Inda beijando uma mulher sem véus...
 Era eu... Era a pálida Teresa!
 "Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... sec'los de delírio
 Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
 ... Mas um dia volvi aos lares meus.
 Partindo eu disse – "Voltarei!... descansa!...
 Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...
 E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
 Preenchiam de amor o azul dos céus.
 Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
 Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

ALVES, Castro. O adeus de Teresa.
 In: *Poesias completas*. São Paulo: Ediouro, s.d.

O tom prosaico do poema de Castro Alves tece uma história em que se fazem presentes elementos fundamentais da narrativa: personagens (eu lírico e Teresa), tempo (marcado, sobretudo, pelas locuções adverbiais como "a vez primeira", "uma noite", "a última vez"), espaço (o quarto de Teresa, por exemplo) e utilização de discurso direto ("E ela, corando, murmurou-me: 'adeus'"). Tais recursos reconstróem o enredo de um relacionamento amoroso marcado pelo desencontro dos amantes. Assim, há uma confluência entre os gêneros lírico e narrativo.

Na literatura brasileira, os modernistas foram aqueles escritores que mais se apropriaram da poética prosaica a fim de dar à poesia ares da simplicidade do cotidiano. Esse recurso também é amplamente empregado na música popular brasileira. Tente lembrar-se de alguns exemplos.

2º) Um texto narrativo (portanto vinculado ao gênero épico) que utiliza uma linguagem subjetiva, conotativa e sonora (aspectos característicos do gênero lírico) pode ser considerado uma **prosa-poética**. No trecho a seguir, da obra *Água viva*, veja como a escritora Clarice Lispector constrói sua prosa se valendo de características essencialmente líricas. Procure identificar, neste excerto, alguns desses elementos caros à linguagem poética:

Meu tema é o instante? meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim.

Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão.

Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por quê – e porque não me interessa, a causa é matéria de passado – perguntarás por que os traços negros e finos? é por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma. O que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 4-5. [Fragmento]



Gêneros literários



Nessa videoaula, você vai conhecer um pouco mais sobre a classificação das obras literárias em gêneros e ver alguns exemplos.

3NGY

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFU-MG) Leia o poema transcrito a seguir:

A vida é uma viagem
Pena eu estar
Só de passagem.

LEMINSKI, Paulo. *La vie em close*.

Assinale a alternativa correta.

- A) O texto pode ser considerado um haikai, pois celebra a relação harmoniosa e equilibrada entre o homem e a natureza.
- B) O eu poético não se manifesta neste poema, uma vez que se trata de um haikai, gênero literário constituído de 17 sílabas poéticas.
- C) Há uma tentativa do eu poético de refletir sobre a rápida passagem do tempo, preocupação comum a todo haikai contemporâneo.
- D) Este texto pode ser considerado um haikai, mesmo não seguindo de forma tradicional as regras antigas da poética oriental.

02. (UFU-MG) Relacione as espécies literárias com suas respectivas características dispostas a seguir e assinale a alternativa correta.

- I. Modalidade de texto literário que oferece uma amostra da vida através de um episódio, um flagrante ou instantâneo, um momento singular e representativo; possui economia de meios narrativos e densidade na construção das personagens.
- II. À intensidade expressiva desse tipo de texto literário, à sua concentração e ao seu caráter imediato, associa-se, como traço estético importante, o uso do ritmo e da musicalidade.
- III. Essa modalidade de texto literário prende-se a uma vasta área de vivência, faz-se geralmente de uma história longa e apresenta uma estrutura complexa.
- IV. Nos textos do gênero, o narrador parece estar ausente da obra, ainda que, muitas vezes, se revele nas rubricas ou nos diálogos; neles impõe-se rigoroso encadeamento causal.
- V. Espécie narrativa entre literatura e jornalismo, subjetiva, breve e leve, na qual muitas vezes autor, narrador e protagonista se identificam.

() Poema lírico

() Conto

() Crônica

() Romance

() Texto teatral

A) II – I – V – III e IV.

D) I – II – V – III e IV.

B) II – I – V – IV e III.

E) I – IV – II – V e III.

C) II – I – III – V e IV.

Instrução: Leia o poema a seguir para responder à questão **03**.

Uma aranha

ela surgiu não sei de onde
quando abri o Dicionário de Filosofia

de José Ferrater Mora
(no verbete Descartes, René) mi-
núscula
com suas muitas perninhas
quase invisíveis
cruzou a página 1305 como se flutuasse
(uma esfera de ar
viva)
e foi postar-se no alto
no limite entre o texto e a margem branca
enquanto eu
fascinado
indagava:
como pode residir
insuspeitado
nestas encardidas páginas
– em minha casa, afinal de contas –
um tal ser
mínimo mas vivo
consciente de si
(e como eu
parte do século XXI)
e que agora parece observar-me
tão espantado quanto estou
com este nosso inesperado encontro?

GULLAR, Ferreira. *Em alguma parte alguma*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

03. (UERJ) Um tema característico da renovação poética modernista é a valorização do cotidiano, como se observa em “Uma aranha”. No poema, essa valorização se expressa por meio da seleção vocabular e da referência às dúvidas existenciais. Observe os fragmentos:

I

ela surgiu não sei de onde
quando abri o Dicionário de Filosofia
de José Ferrater Mora
(no verbete Descartes, René) mi-
núscula (v. 1-5)

II

como pode residir
insuspeitado
nestas encardidas páginas
– em minha casa, afinal de contas –
um tal ser (v. 16-20)

Identifique duas palavras ou expressões que comprovam a valorização do cotidiano. Indique, também, o fragmento em que se evidencia a referência a dúvidas existenciais a partir de elementos do cotidiano e transcreva desse fragmento a palavra que revela a surpresa do poeta.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UFU-MG) Leia o poema a seguir, de José Paulo Paes, e faça o que se pede.



A casa

Vendam logo esta casa, ela está cheia de fantasmas.

Na livraria, há um avô que faz cartões de boas-festas com corações de purpurina.

Na tipografia, um tio que imprime avisos fúnebres e programas de circo.

Na sala de visitas, um pai que lê romances policiais até o fim dos tempos.

No quarto, uma mãe que está sempre parindo a última filha.

Na sala de jantar, uma tia que lustra cuidadosamente o seu próprio caixão.

Na copa, uma prima que passa a ferro todas as mortalhas da família.

Na cozinha, uma avó que conta noite e dia histórias do outro mundo.

No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha.

E no telhado um menino medroso que espia todos eles; só que está vivo: trouxe-o até ali o pássaro dos sonhos.

Deixem o menino dormir, mas vendam a casa, vendam-na depressa.

Antes que ele acorde e se descubra também morto.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*.

Assinale a alternativa incorreta.

- A atitude fundamental da lírica é a recordação, o que pode resultar numa sobreposição temporal. Desta forma, o tempo se embaralha e presente e passado se fundem. No poema, são os fatos e não os verbos que determinam essa fusão temporal.
- O texto é uma fusão de características da épica e da lírica. No que diz respeito à lírica, sobressaem a repetição, a concisão, a fusão entre sujeito e mundo evocado. E, sobre a épica, destacam-se a presença de personagens, uma história que se conta.
- A atmosfera onírica que percorre o texto confere um caráter sobrenatural aos acontecimentos, permitindo que coisas impossíveis se realizem, tais como "lustra cuidadosamente seu próprio caixão" e "No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha".
- Este poema em prosa narra em primeira pessoa a história de um menino assombrado pela presença dos mortos de sua família. Tendo em vista o clima onírico em que os acontecimentos se desenrolam, não é possível saber quem é esse "menino medroso que espia todos eles".

02. (UEM-PR) Tendo em vista os gêneros literários, assinale o que for correto.

- Uma das principais características do gênero lírico é a tendência à objetividade, encontrada na expressão do mundo exterior por parte de um eu lírico que dele não participa.
- No gênero épico, verifica-se um distanciamento entre sujeito e objeto, e o mundo representado é trabalhado por meio de categorias como tempo, espaço, personagem, foco narrativo e enredo.
- Uma vez que "drama" equivale à "ação", o gênero dramático caracteriza-se por obras feitas para serem encenadas (no caso, a encenação das ações das personagens no palco), de modo que o espetáculo é um dos elementos fundamentais desse gênero.
- O soneto, cuja composição pressupõe o acompanhamento musical e a participação do coro, é um dos elementos expressivos do espetáculo teatral.
- Apesar de cada gênero literário possuir características próprias, de modo que seja possível separá-los, essa separação não é precisa, havendo obras em que são notados elementos de mais de um gênero.

Soma ()

03.

WCKP



(UEM-PR) Assinale o que for correto sobre o gênero lírico.

- O gênero lírico, em comparação com o gênero épico ou narrativo, mostra-se marcado por um filtro subjetivo que favorece a expressão individual, bem como a intensificação de sentimentos e emoções.
- Embora marcado por grande liberdade temática, o gênero lírico é bastante rigoroso no tocante às formas fixas, de modo que se manifesta apenas em sonetos, odes, elegias, contos e novelas.
- Em contraste com a presença de um narrador no gênero épico, na lírica nota-se a presença de um eu lírico, que tanto permite a expressão de um mundo interior quanto serve de filtro para a realidade externa.
- Uma das principais subdivisões do gênero lírico encontra-se no par "comédia" e "tragédia" que, presente desde as primeiras manifestações do gênero, deu origem, já no fim do século XVIII, à "tragicomédia", com a utilização de versos livres e brancos.
- Recursos formais como a rima, a métrica e o ritmo, embora possam ser verificados em outros gêneros literários, encontram-se especialmente ligados ao gênero lírico, favorecendo sua sonoridade e sua expressividade.

Soma ()

04.
OGQK

(CEFET-MG) Sobre os gêneros literários, afirma-se:

- I. O gênero dramático abrange textos que tematizam o sofrimento e a aflição da condição humana.
- II. Textos pertencentes ao gênero lírico privilegiam a expressão subjetiva de estados interiores.
- III. O gênero épico compreende textos sobre acontecimentos grandiosos protagonizados por heróis.
- IV. Em literatura, o romance e a novela são formas narrativas pertencentes ao gênero dramático.

Estão corretas apenas as afirmativas

- A) I e II.
- B) I e IV.
- C) II e III.
- D) III e IV.

05. (UEM-PR) Os gêneros literários são empregados com finalidade estética. Leia os textos a seguir.

Busque Amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.

CAMÕES, L. V. de. *Sonetos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961. [Fragmento]

Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Fragmento]

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, a classificação dos textos.

- A) Épico e lírico.
- B) Lírico e épico.
- C) Lírico e dramático.
- D) Dramático e épico.

06. (UFOP-MG) Leia os seguintes poemas de João Cabral de Melo Neto:

O mar e o canavial

O que o mar sim aprende do canavial:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.

O que o mar não aprende do canavial:
a veemência passional da preamar;
a mão de pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.
O que o canavial sim aprende do mar:
o avançar em linha rasteira da onda;
o espriar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.
O que o canavial não aprende do mar:
o desmedido do derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.

O canavial e o mar

O que o mar sim ensina ao canavial:
o avançar em linha rasteira da onda;
o espriar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.
O que o canavial sim ensina ao mar:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.
O que o mar não ensina ao canavial:
a veemência passional da preamar;
a mão de pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.
O que o canavial não ensina ao mar:
o desmedido do derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008. p. 201, 211.

Explique o tipo de organização que une e distingue, ao mesmo tempo, os poemas "O mar e o canavial" e "O canavial e o mar".

07. (UFOP-MG) Em *A educação pela pedra*, na dedicatória de João Cabral de Melo Neto a Manuel Bandeira, o poeta refere-se à obra como "antilira" – uma alusão à sua poética de oposição à tradição lírica. Explique o termo "antilira" empregado pelo autor, tendo como base argumentativa os aspectos temáticos e formais do poema transcrito a seguir:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inefática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).

A lição de moral, sua resistência fria
 ao que flui e a fluir, a ser maleada;
 a de poética, sua carnadura concreta;
 a de economia, seu adensar-se compacta:
 lições da pedra (de fora para dentro,
 cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
 (de dentro para fora, e pré-didática).

No Sertão a pedra não sabe lecionar,
 e, se lecionasse, não ensinaria nada;
 lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
 uma pedra de nascença, entranha a alma.

MELO NETO, J. C. de. *A educação pela pedra*.
 Rio de Janeiro: Alfaguara. 2008. p. 207.

Instrução: Leia o poema a seguir para responder às questões de **08** a **10**.

Morte e vida severina
(Auto de Natal pernambucano)

O retirante explica ao leitor quem é e a que vai

– O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.

Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo na vida:
 na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra,
 no mesmo ventre crescido
 sobre as mesmas pernas finas,
 e iguais também porque o sangue
 que usamos tem pouca tinta.
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).

MELO NETO, João Cabral de.
Morte e vida severina e outros poemas em voz alta.
 Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

08. (UERJ–2018) O poema de João Cabral de Melo Neto apresenta aspectos da dramaturgia, como a interlocução entre a personagem e o leitor. Identifique dois outros indicadores próprios do gênero dramático e, também, duas marcas de interlocução, presentes no texto.

09. (UERJ–2018)
 “O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina.”

No poema, o autor lança mão da mudança de classe de palavras como recurso expressivo da criação poética. Com base nisso, indique a classe gramatical das palavras sublinhadas, na ordem em que aparecem. Em seguida, explique o sentido que o termo **severina** assume na expressão “morte severina”, tendo em vista a representação que se faz do retirante.

10. (UERJ-2018)

“vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.”

Na descrição da serra, observa-se o emprego de uma figura de linguagem. Nomeie essa figura. Indique, ainda, a relação estabelecida entre a personagem e o ambiente, a partir do efeito produzido por essa descrição.

SEÇÃO ENEM



01. (Enem-2019)

A viagem

Que coisas devo levar
nesta viagem em que partes?
As cartas de navegação só servem
a quem fica.
Com que mapas desvendar
um continente
que falta?
Estrangeira do teu corpo
tão comum
quantas línguas aprender
para calar-me?
Também quem fica
procura
um oriente.
Também
a quem fica
cabe uma paisagem nova
e a travessia insone do desconhecido
e a alegria difícil da descoberta.
O que levas do que fica,
o que, do que levas, retiro?

MARQUES, A. M. In: SANT'ANNA, A. (Org.).
Rua Aribau. Porto Alegre: Tag, 2018.

A viagem e a ausência remetem a um repertório poético tradicional. No poema, a voz lírica dialoga com essa tradição, repercutindo a

- A) saudade como experiência de apatia.
- B) presença da fragmentação da identidade.
- C) negação do desejo como expressão de culpa.
- D) persistência da memória na valorização do passado.
- E) revelação de rumos projetada pela vivência da solidão.

02. (Enem-2019) Inverno! Inverno! Inverno!

Tristes nevoeiros, frios negrumes da longa treva boreal, descampados de gelo cujo limite escapa-nos sempre, desesperadamente, para lá do horizonte, perpétua solidão inóspita, onde apenas se ouve a voz do vento que passa uivando como uma legião de lobos, através da cidade de catedrais e túmulos de cristal na planície, fantasmas que a miragem povoam e animam, tudo isto: decepções, obscuridade, solidão, desespero e a hora invisível que passa como o vento, tudo isto é o frio inverno da vida.

Há no espírito o luto profundo daquele céu de bruma dos lugares onde a natureza dorme por meses, à espera do sol avaro que não vem.

POMPEIA, R. *Canções sem metro*.
Campinas: Unicamp, 2013.

Reconhecido pela linguagem impressionista, Raul Pompeia desenvolveu-a na prosa poética, em que se observa a

- A) imprecisão no sentido dos vocábulos.
- B) dramaticidade como elemento expressivo.
- C) subjetividade em oposição à verossimilhança.
- D) valorização da imagem com efeito persuasivo.
- E) plasticidade verbal vinculada à cadência melódica.

03. (Enem-2019)

Essa lua enlutada, esse desassossego
A convulsão de dentro, ilharga
Dentro da solidão, corpo morrendo
Tudo isso te devo. E eram tão vastas
As coisas planejadas, navios,
Muralhas de marfim, palavras largas
Consentimento sempre. E seria dezembro.
Um cavalo de jade sob as águas
Dupla transparência, fio suspenso
Todas essas coisas na ponta dos teus dedos
E tudo se desfez no pórtico do tempo
Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro
Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo
Também isso te devo.

HILST, H. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

No poema, o eu lírico faz um inventário de estados passados espelhados no presente. Nesse processo, aflora o

- A) cuidado em apagar da memória os restos do amor.
- B) amadurecimento revestido de ironia e desapego.
- C) mosaico de alegrias formado seletivamente.
- D) desejo reprimido convertido em delírio.
- E) arrependimento dos erros cometidos.

04. (Enem-2019)

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri,
Irerê, meu companheiro,
Cadê viola? Cadê meu bem? Cadê Maria?
Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô,
Ah! Seu assobio é tua flauta de irerê:
Que tua flauta do sertão quando assobia,
Ah! A gente sofre sem querê!
Ah! Teu canto chega lá no fundo do sertão,
Ah! Como uma brisa amolecendo o coração,
Ah! Ah!
Irerê, solta teu canto!
Canta mais! Canta mais!
Prá alembá o Cariri!

VILLA-LOBOS, H. *Bachianas Brasileiras n. 5 para soprano e oito violoncelos* (1938-1945). Disponível em: <<http://euterpe.blog.br>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Nesses versos, há uma exaltação ao sertão do Cariri em uma ambientação linguisticamente apoiada no(a)

- A) uso recorrente de pronomes.
- B) variedade popular da Língua Portuguesa.
- C) referência ao conjunto da fauna nordestina.
- D) exploração de instrumentos musicais eruditos.
- E) predomínio de regionalismos lexicais nordestinos.

05. (Enem-2018)

Eu sobrevivi do nada, do nada
Eu não existia
Não tinha uma existência
Não tinha uma matéria
Comecei existir com quinhentos milhões
e quinhentos mil anos
Logo de uma vez, já velha
Eu não nasci criança, nasci já velha
Depois é que eu virei criança
E agora continuei velha
Me transformei novamente numa velha
Voltei ao que eu era, uma velha

PATROCÍNIO, S. In: MOSÉ, V. (Org.). *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

Nesse poema de Stela do Patrocínio, a singularidade da expressão lírica manifesta-se na

- A) representação da infância, redimensionada no resgate da memória.
- B) associação de imagens desconexas, articuladas por uma fala delirante.
- C) expressão autobiográfica, fundada no relato de experiências de alteridade.
- D) incorporação de elementos fantásticos, explicitada por versos incoerentes.
- E) transgressão à razão, ecoada na desconstrução de referências temporais.

06. (Enem-2017)



O mundo revivido

Sobre esta casa e as árvores que o tempo
esqueceu de levar. Sobre o curral
de pedra e paz e de outras vacas tristes
chorando a lua e a noite sem bezerros.

Sobre a parede larga deste açude
onde outras cobras verdes se arrastavam,
e pondo o sol nos seus olhos parados
iam colhendo sua safra de sapos.

Sob as constelações do sul que a noite
armava e desarmava: as Três Marias,
o Cruzeiro distante e o Sete-Estrela.

Sobre este mundo revivido em vão,
a lembrança de primos, de cavalos,
de silêncio perdido para sempre.

DOBAL, H. *A província deserta*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

No processo de reconstituição do tempo vivido, o eu lírico projeta um conjunto de imagens cujo lirismo se fundamenta no

- A) inventário das memórias evocadas afetivamente.
- B) reflexo da saudade no desejo de voltar à infância.
- C) sentimento de inadequação com o presente vivido.
- D) ressentimento com as perdas materiais e humanas.
- E) lapso no fluxo temporal dos eventos trazidos à cena.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. A
- 03. O poema "Uma aranha" exemplifica uma das mais relevantes conquistas da renovação poética modernista: a valorização do cotidiano no nível vocabular e no nível temático. No nível vocabular, o poeta passa a usar palavras comuns, do dia a dia. No nível temático, sentimentos humanos e indagações existenciais são expressos por meio de vocábulos e atos banais, cotidianos. Nos dois fragmentos, são exemplos da valorização do cotidiano na seleção vocabular: "dicionário", "verbete", "encardidas páginas", "minha casa".

O fragmento que expressa dúvidas existenciais a partir de elementos do cotidiano é o segundo, no qual se anuncia a ideia de que a aranha é um ser "consciente de si". A palavra que revela a surpresa do poeta com os questionamentos que ele começa a fazer é "insuspeitado".

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. Soma = 22
- 03. Soma = 21
- 04. C
- 05. B
- 06. As duas paisagens retratadas no poema guardam entre si semelhanças e diferenças, percebidas pelo eu lírico como resultado de um processo de ensino e aprendizado. No primeiro poema, "O mar e o canavial", a ênfase está no processo de aprendizagem, diz-se do que mar e canavial aprendem ou não aprendem um com o outro. Já no segundo poema, "O canavial e o mar", o enfoque está no processo de ensino. Diz-se do que mar e canavial ensinam ou não ensinam ao outro. O que pode ser ensinado e / ou aprendido é o que o mar e o canavial compartilham: a elocução horizontal do canavial (que o mar aprende) e o avançar em linha reta do mar (que o canavial aprende). Outras características não podem ser ensinadas ou aprendidas porque são muito próprias.
- 07. A antilira, como o nome sugere, se caracteriza por uma oposição ao lirismo. Assim, a antilira de João Cabral se verifica na construção de uma poética áspera, objetiva, concisa, desprovida de sentimentalismo, marcada pela precisão vocabular. Essas características de sua poética são bem representadas pela metáfora da pedra, recorrente em sua obra, que diz respeito à vida dura no sertão, mas que também evoca, metalinguisticamente, as características de sua poética: dura, compacta, prosaica.
- 08. O vocábulo "auto", empregado no subtítulo, faz referência explícita ao gênero dramático. Além desse termo, a presença da rubrica "o retirante explica ao leitor quem é e a que vai" também é uma indicação do gênero. Quanto às marcas de interlocução, o fragmento apresenta o emprego do travessão, uso do verbo no imperativo, uso de frases interrogativas e do pronome de tratamento.
- 09. A palavra "Severino", na primeira ocorrência, pertence à classe dos substantivos; na segunda ocorrência, a palavra passa a ser um adjetivo, carregando, na sua significação, toda a carga semântica associada à figura do retirante no poema. A expressão "morte severina" assume a ideia de morte difícil, dura, semelhante à vida do personagem e dos demais severinos.
- 10. No trecho, o emprego dos adjetivos "magra" e "ossuda" imprimem na serra características humanas, como forma de refletir no ambiente as características do retirante. Fica claro o emprego, então, da personificação ou prosopopeia.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. E
- 03. B
- 04. B
- 05. E
- 06. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %